



UCSAL  
UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DO SALVADOR

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

**ELIONAI SANTOS CARDOSO**

**CRIME E CASTIGO NUMA ANÁLISE FRANKLIANA: RASKÓLNIKOV E SÔNIA**

**Salvador**

**2021**

**ELIONAI SANTOS CARDOSO**

**CRIME E CASTIGO NUMA ANÁLISE FRANKLIANA: RASKÓLNIKOV E SÔNIA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial.

Orientador: Prof. Dr. José Luis Sepúlveda Ferriz

**Salvador**

**2021**

# CRIME E CASTIGO NUMA ANÁLISE FRANKLIANA: RASKÓLNIKOV E SÔNIA

Elionai Santos Cardoso<sup>1</sup>

José Luis Sepúlveda Ferriz<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma discussão sobre a antropologia de Dostoiévski sob a égide antropológica de Frankl por meio da análise das ações das personagens Raskólnikov e Sônia no romance Crime e Castigo. Para tanto, esquadram-se nos trechos do livro os conceitos e categorias da Logoterapia e Análise Existencial em que se observa: a liberdade da vontade, o inconsciente, o sentido do amor e a religiosidade; como pontos reveladores da pessoa humana talhada nas estrelinhas das personagens. Fez-se uso de um viés teórico frankliano e de interlocuções com autores da filosofia e da literatura, ancorados na análise de conteúdo qualitativa nos tipos: personagem e item como esteio. Tem-se um breve relato biográfico dos autores, bem como infortúnios que contribuíram para delinear o entrelaçamento da estória literária e a teoria frankliana e sua antropologia.

**Palavras-chave:** Logoterapia. Antropologia. Liberdade. Amor. Religiosidade.

## RESUMEN

Este artículo presenta una discusión sobre la antropología de Dostoyevski bajo la égida antropológica de Frankl analizando las acciones de los personajes Raskólnikov y Sonia en la novela Crimen y castigo. Para eso, los conceptos y categorías de Logoterapia y Análisis Existencial se examinan en los extractos del libro, en los que se observa: la libertad de la voluntad, el inconsciente, el sentido del amor y la religiosidad; como puntos reveladores de la persona humana tallados en las entre líneas de los personajes. Se utilizó un enfoque teórico frankliano e interlocuciones con autores de filosofía y literatura, anclado en el análisis de contenido cualitativo en los tipos: personaje e ítem como pilar. Hay un breve relato biográfico de los autores, así como de los infortunios que contribuyeron a delinear el entrelazamiento de la historia literaria y la teoría frankliana y su antropología.

**Palabras clave:** Logoterapia. Antropología. Libertad. Amor. Religiosidad.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial pela Universidade Católica do Salvador

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia Ética e Política pela Universidade Complutense de Madri-Espanha, Mestre em Estudos Avançados em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri (Espanha) e. Atualmente é professor da Graduação em Filosofia na UCSAL (Universidade Católica do Salvador).



## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo exhibe uma análise das personagens Raskólnikov e Sônia do romance Crime e Castigo sob o prisma da teoria da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl. Ademais uma reflexão sobre as escolhas do autor russo na composição narrativa, bem como a antropologia do ser homem, própria do escritor Dostoiévski. Por conseguinte, um relato curto e significativo de fatos biográficos que relacionam autores, teorias e livros.

Pretende-se expor, sobretudo, a teoria frankliana nas entrelinhas dessa narrativa do século XIX, de um dos autores mais geniais do seu tempo e da literatura universal, que compôs uma antropologia para suas personagens. Para tanto, a pesquisa entrelaça hermeneuticamente as ações das personagens na teoria frankliana, bem como o estudo biográfico e descritivo do autor russo numa análise qualitativa dentro da unidade de registro nos tipos “personagem” e “item”, conforme Franco (2005).

Cabe explicar a identificação na classificação dos tipos de acordo com Franco (2005, p.20) para que se possa prosseguir: “o personagem” trata de indicadores de nível socioeconômico, sexo, etnia, escolaridade, nacionalidade e religião. Neste estudo, a categoria considerada é a religião, tomada por religiosidade. Já quanto à classificação de “o item” versa sobre os atributos definidores de um texto, por exemplo, que “assunto é privilegiado no livro?”. Em Crime e Castigo, o tema da narrativa é o homem e seu destino. Ao incorporar tais categorias, podem-se avaliar características implícitas nas diversas mensagens. Ademais constitui um guia para análise e interpretação do clássico dostoiévskiano.

Para tanto, fez-se uma investigação da filosofia existencial de Dostoiévski com a Logoterapia e Análise Existencial de Frankl; a liberdade da vontade, o inconsciente, o amor e a religiosidade são as categorias e conceitos tecidos para composição deste trabalho.

Faz-se necessário, antes de prosseguir nas delimitações, tratar o suporte da escrita ficcional do século XIX, por conta da obra analisada ter sido publicada ao longo dos meses de 1866, como boa parte da literatura da época, em folhetins. Os folhetins popularizavam romances e fidelizavam leitores, sendo uma importante seção dos jornais que abordavam o mundo cultural. Nesse sentido, o livro traz nas suas linhas e entrelinhas aspectos sociais da realidade e da escrita de seu autor; ainda que seja ficcional não perde o poder de caracterização da cultural (BOSI, 2017).

Apresentar o autor de Crime e Castigo, mesmo que seja um nome da literatura universal; é necessário de modo que se abrange também a obra. Os elementos mencionados, de sua vida, devem dar subsídios para compreender os arranjos tecidos ao longo do texto. O recorte das informações da biografia afasta-se do viés em que se tem o período de vida e de morte; nem tampouco aborda uma cronologia de todas as publicações de seus livros. Atem-se aos aspectos sobre o processo de escrita e os episódios relevantes da trajetória do autor que interferem na condição de escritor.

Dito isso, Dostoiévski desde cedo experimentou a perda; a morte entrou no seu cotidiano pela primeira vez aos 16 anos; sua mãe morre de tuberculose, depois, aos 18 anos perde seu pai, cruelmente assassinado. Alimentou o sentimento de culpa por conta da idealização do parricídio, por vezes desejara a morte do pai que fora brutal e violento; um médico cujo epíteto dado por seus servos era “besta feroz”. (PAREYSON, 2012).

Em 1849 é preso e condenado à morte por questões políticas, essa data é talvez a mais importante de sua vida, no momento exato de ser executado tem a pena transformada em quatro anos de trabalhos forçados; é obrigado a servir ao exército na Sibéria, logo em seguida. Observa-se a tríade crime, culpa e redenção nas margens dos fatos mais contundentes de sua vida. Tal infortúnio muda a sua escrita e o olhar otimista para o ser humano cede lugar para a concepção trágica da vida. Esse magnífico autor apresenta uma literatura dividida em dois grandes períodos, por conta desses fatos transformadores, assim como o autor Machado de Assis (BOSI, 2017).

No primeiro período a essência do homem não atravessa uma dicotomia entre o bem e o mal. Já o segundo, abre reflexões sobre a condição humana não só no século XIX como também nos vindouros a partir de livros como: Crime e Castigo, Os demônios, Recordações das casas dos mortos e Os irmãos Karamazov (PAREYSON, 2012).

A condição do homem fomenta a estória da narrativa de Crime e Castigo, obra celebre desde o lançamento, passada nas ruas da decadente São Petersburgo, centro Cultural da Rússia, na qual Raskólnikov, protagonista da narrativa, comete dois crimes pautados por uma teoria napoleônica do “super-homem” ou “homens extraordinários”. Dostoiévski apresenta uma simbiose dele com suas personagens; a culpa, o sofrimento e a morte são elementos basilares das suas criações literárias.

Para tanto, o conflito entre o “bem” e o “mal”, da experiência religiosa, são os alicerces para as discussões desde o niilismo, o ateísmo e a religião com Deus até a Igreja. Tal deslocamento desponta a experiência da liberdade em que a escolha é a característica fundante.

A genialidade de Dostoiévski na construção do homem faz de suas criações estruturas “pneumatológicas”; ou seja, versa sobre a realidade espiritual do homem. O autor conduz o leitor por um detalhamento desse ente, criatura sua, e as escolhas que esse a faz. A dignidade do ser é posta em jogo todo o tempo, no caso de Crime e Castigo. A persona de Sônia é a encarnação da dignidade, como também da sabedoria, da ética e da moral. O livro postula indagações sobre a condição humana diante das contingências biopsíquica e sociais.

A tradução direta do russo de Paulo Bezerra permite interpretar o arranjo do autor na trama de forma mais adequada, afastando-se das demais traduções que partira do idioma francês para o português. O livro intriga o leitor desde 1866, ano de publicação, porque Raskólnikov representa a cisão do autor com a Igreja Ortodoxa e o governo, como também um momento ruptura no campo literário. (BEZERRA, 2019).

Os elementos de composição da trama estão tencionados em diversas oposições, na estrutura do romance. De forma intencional a construção de os personagens sai das convenções; o protagonista tem valores divergentes: a

capacidade de matar e a de ser afetado com os problemas alheios coexistem; isto é; Raskólnikov é dividido entre o ético e o antiético (PAREYSON, 2012).

No antiético está a exacerbação do individualismo, na ideia de super-homem<sup>3</sup> de Nietzsche. Nessa construção expõe a situação-limite imputada ao seu protagonista, que é de ultrapassar a ordem divina, cindido a própria religiosidade. Dito de outra forma, diferenciando-se como criatura do criador de modo a afirmar o homem; e distancia-se de Deus ao matar outro ser humano, visto desumanizado, disjunto da sua humanidade; um piolho<sup>4</sup>. Tal declaração registra a rebelião da própria vontade<sup>5</sup> de acordo com os pressupostos schopenhauerianos.

Já Sônia é a virtude em pessoa; o autor a nomeia de sábia, conforme etimologia alemã do nome. Nela se constitui o impossível, embora sua atividade laboral fora a prostituição, a alcunha de prostituta não lhe cabe, pois, o exercício profissional fora dada pelas contingências financeiras de seus irmãos, não consanguíneos, e da madrasta; porque ela lhes salva de morrerem de fome.

A entrega do corpo, em favor de outros, só é possível por conta de suas crenças. No cultivo da fé seu espírito se fortalece, mesmo que seu corpo sofra. A religiosidade é o seu esteio autêntico e é com a qual Sônia ampara Raskólnikov (BEZERRA, 2019).

---

<sup>3</sup> Super-homem (al. *Übermensch*) Segundo Nietzsche, o homem superior, "indivíduo soberano, indivíduo que não se parece senão consigo mesmo, indivíduo livre da moral dos costumes que possui em si mesmo...a verdadeira consciência da liberdade e da potência, enfim o sentimento de ter chegado à perfeição do homem" (*Genealogia da moral*). O super-homem é, assim, o indivíduo autêntico, que cria seus próprios valores, "afirmativos da vida", que não é condicionado pelos hábitos e valores sociais de uma época, porque "o homem existe apenas para ser superado" (Assim falou Zaratustra). Ele evoca o passo à frente que a humanidade deve empreender a partir do momento em que ela se desembaraçar da ideia de Deus. Porque a crença em Deus, segundo Nietzsche, aprisionava a humanidade em falsos valores e limitava seu poder de conhecimento trazendo uma resposta apaziguadora às suas ignorâncias. “. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 180)

<sup>4</sup> [...] --- Mas a verdade é essa! Oh, Deus!  
 --- Acontece, Sônia, que matei apenas um piolho, inútil, nojento, nocivo.  
 --- Uma pessoa... é um piolho!? (DOSTOIÉVSKI, 2016, p.422)

<sup>5</sup> Schopenhauer, Arthur (1788-1860) O filósofo alemão Schopenhauer (nascido em Dantzig), influenciado fortemente por Kant, desenvolveu uma filosofia pessoal, considerada pessimista e ascética. Para Schopenhauer, a "vontade de viver" ou o \* "querer-viver" designa uma força universal de todos os seres. E essa força que leva cada indivíduo a lutar, consciente ou inconscientemente, para preservar sua espécie: "A vontade é a substância íntima, o meio de toda coisa particular como do conjunto; ela se manifesta na força cega da natureza e encontra-se na conduta razoável do homem “. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 172)

Por conseguinte, a interpretação das personagens de Crime e Castigo, á luz da Logoterapia e Análise Existencial, determina a presença da antropologia frankliana na condição do homem de forma inerente. Deste modo, algumas passagens do livro são apresentadas de modo a compor elementos desta análise. Entende-se que não só o autor do livro canônico precisa estar nesta discussão, bem como criador da terceira escola de psicoterapia de Viena, Viktor Frankl.

## **2 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA**

A introdução ao tema da Logoterapia e Análise Existencial é possível após apresentar o fundador dessa essencial teoria sobre a condição humana. Teoria difundida nos cinco continentes após a Segunda Guerra Mundial. A compreensão do ser humano por muito, ainda, atravessa as teorias deterministas e mecanicistas. Já a antropologia frankliana se desfaz dessa ótica obtusa de modo a propor à pessoa humana e associá-la ao encontro com o sentido na sua existência, ao responder às indagações que a vida propõe todo o tempo.

Viktor E. Frankl é o criador de uma antropologia dimensional e ainda sobrevivente do holocausto judeu. A morte dos seus entes não o deteve, ainda que, viveu o sofrimento com a finitude da esposa grávida, dos pais, do irmão, dos amigos, mas, não se destruiu no campo de concentração. Em quase quatro primaveras conviveu com a tensão entre vida e morte, apesar disso, ele fez um pacto de existência.

No processo de sobrevivência, optou por prosseguir com a condição humana, sendo digno de seu tormento, bem à maneira dostoiévskiana. Após viver e ver o sofrimento, o psiquiatra vienense funda a Terceira Escola de Psicoterapia e como existencialista afasta-se das concepções pessimistas e antirreligiosas. (FRANKL, 2019).

Além de ser o pai da Logoterapia e Análise Existencial é também o autor mais proeminente sobre essa temática, com propriedade versa tanto sobre a teoria quanto à prática. Os fundamentos antropológicos contrariam os conceitos do relativismo e determinismo contemporâneo.

O homem é visto como alguém que a natureza o conduz a sair de si, para ir em direção algo ou alguém. Nesse sentido, o autor denota um pensamento mais fenomenológico e o elemento primário é a intencionalidade espiritual, da qual se tem dois aspectos: a constituição do ser humano e a dinâmica da pessoa humana (FRANKL, 2019).

Para suplantar uma compreensão equivocada do ser humano propõe na sua antropologia uma visão ontológica dimensional. Dito com outros vocábulos, uma visão biopsíquicoespiritual, por considerar que não só o corpo e o psíquico forma o homem, mas também o espiritual. Segundo Frankl (2019), a dimensão espiritual refere-se à crença do que é ser um homem, sendo isso uma condição ontológica e pré-reflexiva porque antes da filosofia, da psicologia e psiquiatria; a vida é um fenômeno conhecido. Conforme o estudo frankliano, o homem ao integrar suas dimensões se humaniza e se desumaniza ao vê-las isoladas.

Na proposta antropológica de Frankl o ser humano é espiritual, isso significa “ser junto a”; é um ser de relação; seja com algo ou alguém; essa é a capacidade de sair de si, de transcender; uma autotranscendência. Entretanto, esse “junto a” é intencional, não somente no plano cognoscitivo como também no afetivo. (FRANKL, 2019).

Outro aspecto balizador dessa antropologia é a reflexão de que o ser humano é livre. Segundo Frankl (2019), é a parte espiritual do ser humano que o caracteriza como ser livre; e o é primeiro diante de si mesmo, apesar do biopsíquico e da facticidade. Para isso, o ser humano precisa abri-se a transcendência do sentido.

Nessa acepção antropológica, o ser humano é responsável, ou melhor, ele é convocado a responder a algo ou alguém por conta do chamado da vida. Há uma atração do Logos (sentido) e os valores é parte integrante. Isso conduz a tensão entre o “Ser” e o “Deve-ser”. O homem em busca de sentido no processo se desenvolve em ordem a realizar aquilo que exclusivamente é dele alcançar, nenhum outro ser pode. (FRANKL, 2019).

A vontade de sentido se manifesta porque o homem na sua essência a busca; a tensão entre o ser e o dever-ser revela tal procura. Por ser livre, a pessoa humana encontra sentido em algo ou em alguém, uma vez que há um dinamismo nesse

processo. Por conseguinte, ela não se fechar no individualismo nem nos conflitos que a conduziriam ao vazio existencial. (FRANKL, 2019).

Antropologia frankliana impetra o fundamento do *HOMO PATIENS*. Nessa condição um axioma é proposto quanto ao sofrimento humano, à ideia de “ser-no-mundo”. Isto é ser alcançado pelo logos (sentido) e compreender a razão de existir. Tal condição se dá por conta de poder assumir uma atitude positiva em frente ao sofrimento, a tese do otimismo trágico. Isso significa viver a superação diante do trágico. (FRANKL, 2019).

Desse modo, se pode encontrar sentido na dor, na culpa e na morte. Para tal, deve-se descobrir o sentido. O ser humano precisa aceitar o sofrimento e transformá-lo em realização. Difere-se da ideia de não ter nada nem ninguém, experiência do vazio existencial, próprios do niilismo.

### **3 A LUPA DA LOGOTERAPIA NA NARRATIVA DE CRIME E CASTIGO**

A discussão hermenêutica<sup>6</sup> sobre a obra de Dostoiévski sob a luz da Logoterapia de Frankl solicita de modo imprescindível esboçar alguns conceitos; esta seção cuida de trazê-los ao leitor de modo que possam agregar uma fluidez nas apreciações da obra investigada, como também sobre os parâmetros da Logoterapia; teoria da qual se extrai o olhar para interpretação base desta análise.

Dito isto, compreende-se deflagrar as categoria principais: a relação da filosofia existencial de Dostoiévski com a Logoterapia de Frankl; a liberdade da vontade, o inconsciente, o amor e a religiosidade.

---

<sup>6</sup> (gr. hermeneutikós, de hermeneuein: interpretar) 2. O termo passou depois a designar todo esforço de interpretação científica de um texto difícil que exige uma explicação. No século XIX, Dilthey vinculou o termo "hermenêutica-d sua filosofia da "compreensão vital": as formas da cultura, no curso da história, devem ser apreendidas através da experiência íntima de um sujeito; cada produção espiritual é somente o reflexo de uma cosmovisão (Weltanschauung) e toda filosofia é uma filosofia de vida". 3. Contemporaneamente. a hermenêutica constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos e os mitos em geral. O filósofo Paul Ricoeur. por exemplo, fala de duas hermenêuticas: a) a que parte de uma tentativa de transcrição filosófica do freudismo, concebido como um texto resultando da colaboração entre o psicanalista e o psicanalisado: b) a que culmina numa "teoria do conhecimento", oscilando entre a Leitura psicanalítica e uma fenomenologia. (ABBAGNANO, 2007, p. 508)

### 3.1 Conceitos e categorias basilares

Entende-se que a realidade escondida e espiritual contida na composição das personagens de Dostoiévski, como bem apresenta Pareyson (2012), investigador do pensamento desse autor da literatura universal, ao revela uma “pneumatologia” das personagens dostoiévskiana; por apontar para uma experiência espiritual e religiosa cuja travessia é de dor e sofrimento.

Dito de outro modo, o autor russo constrói uma trilha nas suas histórias que levam as personagens encontrarem o sentido de suas existências por meio da dor e do sofrimento num espelhamento de uma religiosidade pautada na via crucia. Assim sendo, pode-se olhar para tal narrativa e observar a semelhança com o sentido do sofrimento e a tríade trágica: a dor, a culpa e a morte da teoria frankliana. (FRANKL, 2019).

Pareyson (2012) salienta que Raskólnikov para se tornar um super-homem teve que ser antes um sub-homem. Ao trazer tal afirmação se expõe o projeto filosófico e antropológico do autor russo, no qual cada personagem representa um “destino”, um “acontecimento”, uma missão a cumprir. Nos termos da logoterapia é a possibilidade de realizar sentido na própria vida.

Daí vale versar sobre o conceito de Liberdade da Vontade frankliano, no qual se fomenta que o homem tem contingências das quais não se livra, contudo, em qualquer condição que lhe sejam apresentadas — ele é livre — na tomada de decisão, segundo Frankl (2017). O pai da logoterapia demarca ainda que: “a pessoa é livre para dar forma ao seu próprio caráter” [...] “não são os condicionamentos psicológicos ou os instintos por si mesmos, mas, sim, a atitude que tomamos diante deles. É a capacidade de posicionar-se dessa maneira que faz de nós seres humanos.” (FRANKL, 2017, p. 27).

Ainda se pode dizer nas palavras cunhadas por Frankl: “Toda liberdade tem um de quê e um para quê” [...] “A liberdade da vontade do ser humano é, portanto, a liberdade “de” ser impulsionado “para” ser responsável, para ter consciência” [...]. De modo a elucidar essa discussão a frase de Maria Von Ebner-Eschenbach é

apresentada como facilitadora: “Sê senhor da tua vontade e servo da tua consciência”. (FRANKL, 2020, p. 48).

Persegue-se uma compreensão básica na ótica frankliana que vale abranger a consideração sobre o fenômeno da consciência. Só se pode ser servo da própria consciência quando há diálogo, jamais num monólogo; isto porque a consciência precisa ser mais que o “eu” propriamente dito, necessita ser porta-voz para além de si. Para tal situação o pressuposto afirma que a voz da consciência é de fato o vozear da transcendência, essa fala só pode ser ouvida pelo ser humano; ele não a gera, ele a ouve (FRANKL, 2020).

Neste processo de conceituação das categorias já citadas, ainda se tem o inconsciente, o amor e a religiosidade de modo que se possa compreender cada uma. Daí faz-se necessário transpor da teoria frankliana sobre o inconsciente espiritual. Para tal, define-se, no molde da logoterapia, o inconsciente espiritual como sendo parte do inconsciente instintivo. Tem-se que: “o espiritual, assim como a própria existência, é algo imprescindível e, enfim, necessário, por ser essencialmente inconsciente” [...] “O autor Boss expressou essa relação de maneira bastante clara ao designar” [...] “instinto e espírito como fenômenos incomensuráveis” (FRANKL, 2020, p. 20).

Já quanto ao amor; apreende-se sobre o conceito na Logoterapia e Análise Existencial frankliana a partir da máxima: “Amor é, portanto, a atitude que relaciona diretamente com a pessoa espiritual do ser amado, com a sua pessoa precisamente no que ela tem de exclusivo no caráter de algo único e de irrepetibilidade” (FRANKL, 2016, p. 224).

Faz-se, também, indispensável apresentar a apreciação de amor em Dostoiévski: “no mundo a um ser que pode perdoar e tem o direito de fazê-lo; perdoar tudo, todos e por todos, e isso é possível porque este Ser é amor infinito: O homem não pode cometer um pecado tão grande de modo a exaurir o amor infinito de Deus”, conforme Pareyson (2012 p. 92).

Para Dostoiévski o bem vence o mal por causa do amor. Porém, isso é possível para “os homens de vontade forte”, no qual vão para além do sentido da culpa por conta de decisão de perdão recíproco. [...]. “O homem encontra, na

radicação no ser, a sua estabilidade ontológica. Esse é o significado do amor do perdão e da alegria” (PAREYSON, 2012 p. 92).

Então, se pode refletir sobre a religiosidade, o autor russo a coloca como uma condição existencial; como na logoterapia; cuja espontaneidade é sua característica segunda, já que a primeira, cabe a ênfase; é ser existencial. O axioma frankliano postula que o inconsciente espiritual é também transcendente:

Essa fé inconsciente da pessoa, que aqui se nos revela e está englobada e incluída no conceito de seu “inconsciente transcendente”, significa então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente para nós que nossa com ele pode ser inconsciente, ou reprimida, e, assim, oculta para nós mesmos (FRANKL, 2020, p. 58).

### 3.2 Aspectos da logoterapia nas personagens de Dostoiévski

As personagens de Dostoiévski são parte de uma composição geral em que se atribui uma posição social através de suas atividades laborais, contudo, tais representações destoam das atuações impostas na narrativa porque a atividade única deles é o processo de reflexão de si (PAREYSON, 2012).

Numa construção de significados sociais o estudante de direito, o jovem Raskólnikov, deveria ter uma expectativa de vida próspera e estável, mas a realidade é de dependência financeira e necessidades que o colocam diante de uma transitoriedade; no processo ele vai descobrir quem é, mas principalmente, quem pode ser. Tal abertura aponta para as possibilidades do homem como um ser dialógico<sup>7</sup>.

A personagem Sônia imbricada pela mesma composição, entre a crença em Deus e seu infortúnio na prostituição; religiosa e temente; cheia de virtudes;

---

<sup>7</sup> Se Eu e Tu nos revela o diálogo como fundamento da existência humana, se a questão antropológica deverá ser abordada como um ato vital de procura do sentido da existência humana, então trata-se de perscrutar o dialógico no ser humano. O "entre" permitirá, como chave epistemológica, abordar o homem na sua dialogicidade; e só no encontro dialógico é que se revela a totalidade do homem. A ênfase sobre a totalidade acarreta, como corolário, a rejeição da afirmação da racionalidade da razão como característica distintiva do homem. As duas palavras-princípio fundam duas possibilidades de o homem realizar sua existência. A palavra Eu-Tu é o esteio para a vida dialógica, e Eu-Isso instaura o mundo do Isso, o lugar e o suporte da experiência, do conhecimento, da utilização (BUBER, 2009, p. 28-29).

próspera ao se tratar de atenuar o sofrimento alheio; optando, sempre, por sofrer. Ela nega pensar que a divindade a abandonou a própria sorte, numa religiosidade pessoal e com uma determinação singular torna-se pedra angular dos acontecimentos transformadores. A narrativa a cria com valores e certezas; sobre o dom da vida, ela o vê como algo sagrado. Pareyson frisa que sua relação com Deus revela um “algo mais”:

[...] todas as personagens de Dostoiévski têm uma posição social, têm ou tiveram uma profissão [...] Mas o leitor não recebe representação alguma dessa vida profissional. [...] os príncipes não são príncipes, os empregados não são empregados, as prostitutas não são prostitutas, mas todos são alguma coisa diferente ou algo mais, e que é somente este “algo mais” que, de verdade conta, não só no mundo de Dostoiévski, mas, o que é mais importante, aos próprios olhos do leitor atento à realidade oculta e ulterior do que à próxima e evidente (PAREYSON, 2012, p. 29).

Ainda de acordo com Pareyson (2012) toda a obra de Dostoiévski centra-se na dialética da liberdade em que se constitui de dois polos; uma versa sobre a obediência a Deus e a outra como rebelião. Na primeira o núcleo é o Deus-homem, já na segunda o âmago é o Homem-Deus, super-homem. O pesquisador afirma que nessa segunda dialética encontra-se a antropologia do autor de Crime e Castigo.

Dostoiévski é compreendido como um existencialista<sup>8</sup> em que seu pensamento volta-se para dar sustentabilidade ao homem que permanece dentro de uma singularidade, e de uma guerra travada na esfera do coração humano. Embora se configure uma dialética entre o “bem” e o “mal”, não é uma visão religiosa a centralidade de sua discussão, sobretudo, em Crime e Castigo. É na alma humana seu interesse maior é o homem do cotidiano e a relação que esse desenvolve com a divindade e o destino.

---

<sup>8</sup> Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as **conclusões** (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra *existência* (v.) no significado 3B, vale dizer, como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada *situação*, analisável em termos de *possibilidade*. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. Nessas situações, obviamente, o homem nunca é e nunca encerra em si a totalidade infinita, o mundo, o ser ou a natureza. Portanto, para o E., o termo existência tem significado completamente diferente do de outros termos como consciência, espírito, pensamento, etc, que servem para interiorizar ou, como se diz, tornar "imaneente" no homem a realidade ou o mundo em sua totalidade. Existir significa *relacionar-se com* o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e como se trata de relações não-necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de *possibilidades* (v.) (ABBAGNANO, 2007, p. 431)

### 3.3 Eu e tu em Crime e Castigo na ótica de Frankl

[...] “Sônia, fora a primeira a quem ele procurava para fazer sua confissão; nela ele procurava um ser quando estava precisando de um ser” (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 531). Tal recíproca é vista no molde da logoterapia da seguinte forma: “só o ser espiritual humano poderia entender o outro; ser-no-outro. Isso só é possível ao dar-se-um-no-outro que chamamos amor” (FRANKL, 2019, P. 141). A relação de encontro é o lugar da materialização do fenômeno amor.

A passagem da narrativa da obra atemporal de Crime e Castigo remete a escolha do protagonista em confessar seu pecado para alguém que o compreenda na sua condição de infligidor de leis divinas. Ademais, a teoria frankliana postula sobre duas raças de seres humanos: pessoas direitas e topes. Sendo a escolhas, os atos, os posicionamentos que podem inserir o homem em uma das duas categorias; bem como as personagens Raskólnikov e Sônia. Por isso, o autor, de “Em busca de sentido”, indaga: “o que é então o ser humano? Ao responder a sua questão coloca o homem num lugar de estadista de si mesmo: É o ser que sempre decide o que ele é” (FRANKL, 2019, P. 121).

Pode-se entender, então, que os dois escritores estavam à frente de seu tempo; dois homens de trajetórias marcadas por infortúnios; filósofos de suas gerações e das posteriores; eles pautam sobre a constituição do ser homem; como um ser sempre perante a outro, no qual se busca os constituintes da pessoa humana que escolhe ser direita ou torpe.

Na estória dostoiévskiana Sônia é a consciência de um niilista<sup>9</sup>, é a pessoa que lhe provoca reflexões; Raskólnikov é tomado por curiosidade, pois, apesar do sofrimento; ela não abandona suas crenças e as pessoas que ama. A confiança

---

<sup>9</sup> (in. *Nihilism*, fr. *Nihilisme*, ai. *Nihilismus*; it. *Nichilismo*). Termo usado na maioria das vezes com intuito polêmico, para designar doutrinas que se recusam a reconhecer realidades ou valores cuja admissão é considerada importante. Em outros casos, é empregada para indicar as atitudes dos que negam determinados valores morais ou políticos. Nietzsche foi o único a não utilizar esse termo com intuídos polêmicos, empregando-o para qualificar sua oposição radical aos valores morais tradicionais e às tradicionais crenças metafísicas: "O N. não é somente um conjunto de considerações sobre o tema 'Tudo é vão', não é somente a crença de que tudo merece morrer, mas consiste em colocar a mão na massa, em destruir. (...) É o estado dos espíritos fortes e das vontades fortes do qual não é possível atribuir um juízo negativo: a negação ativa corresponde mais à sua natureza profunda" (*Wille zur Macht*, ed. Kröner, XV, § 24) (ABBAGNANO, 2007, p. 733)

numa divindade não só é tudo que essa mulher tem, como tudo que oferece aos seus, numa composição de virtudes tecidas pelo autor:

Pois bem! - disse Raskólnikov com um risinho – Vim buscar as tuas cruces, Sônia. Tu mesma me mandaste ao cruzamento; então, agora que a coisa é para valer ficas aí com medo? [...] Ora tu mesma querias que me entregasse, pois bem, vou para a prisão e tua vontade será satisfeita; mas por que estás chorando? Até tu? [...] Benze-te, reza ao menos uma vez – pediu Sônia com voz trêmula, tímida. -- Oh, como não? Quantas vezes quiseres! E de coração, Sônia, de coração... (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 532, 533)

Na construção do diálogo entre Raskólnikov e Sônia temos a revelação do motivo no qual, o conhecedor de leis convicto de sua ação heroica ao banir um ser desprezível, rende-se a vontade de outrem. Numa atitude de autotranscendência, ele sai de si mesmo e de sua alienação espiritual através da decisão de se entregar as autoridades; denuncia-se! Tal escolha estrutura-se no amor, que traz consigo a consciência moral, que outro ser passou a ser. Por conseguinte, Sônia representa, exatamente, a consciência moral de Raskólnikov. O eu é sacudido pelo tu e desponta o inconsciente espiritual; conforme trata Viktor Frankl (2020).

Ainda nas palavras de Frankl (2020), o inconsciente espiritual revela o fenômeno da consciência que se caracteriza por sua imersão no inconsciente, por uma irracionalidade, por uma alógica. O ser humano toma, por conta da existência desse inconsciente, decisões autênticas. Essa tessitura traz á tona o que é exclusivo, como descreve o conceito Scheleriano<sup>10</sup> de “valores de situação”. Segundo Frankl (2020) a referência é de algo individual que só poder ser conhecido intuitivamente:

[...] a consciência moral revela-se essencialmente intuitiva. A fim de antecipar aquilo que terá que realizar, a consciência deverá primeiramente intuí-lo; nesse sentido, portanto, a consciência ética (o Ethos) é, de fato, irracional e apenas posteriormente racionalizável. Por acaso, não conhecemos um fenômeno análogo? Não seria o Eros igualmente irracional e intuitivo? Na verdade, o amor também intuí; também ele percebe um ser que ainda não é. Porém, diferentemente da consciência, o amor não percebe um “um ser que deveria ser” o ser que ainda não é e deverá sê-lo através do amor é apenas um “ser que poderia ser”. Assim, o amor

<sup>10</sup> Uma dessas contribuições — das mais importantes — é a de Max Scheler, que se referiu às palavras de Pascal, "o coração tem razões que a razão desconhece", mas sem interpretá-las no sentido frequentemente encontrado na filosofia moderna e contemporânea (v. CORAÇÃO), de que a razão deveria ter certa condescendência para com o Sentimento. e tentar corresponder às suas exigências, porém no sentido de que o Sentimento. tem suas próprias leis, seus próprios objetos e constitui, portanto, um mundo diferente do racional. (ABBAGNANO, 2007, p. 888)

descobre e traz à tona possíveis valores na pessoa amada. Também o amor antecipa algo da sua visão espiritual, justamente aquelas possibilidades pessoais ainda não realizadas que a pessoa concreta, ou seja, a pessoa amada, contem em si. (FRANKL, 2020, p 30-31).

O inconsciente espiritual revela o aspecto espiritual do protagonista de Dostoiévski que aponta para antropologia frankliana, baseada nos conceitos jasperianos<sup>11</sup>, a qual estabelece a pessoa humana como ser integrado no biopsicoespiritual. Sendo espiritual o fundamento da condição humana de ser na sua totalidade; de forma didática a logoterapia valida três dimensões integradas, corpo, alma e espírito; sendo esse o último uma concepção distinta da semântica difundida pelo espiritismo. Neste estudo, versa-se, sobretudo, a dimensão fundante do homem, a parte que o retira da condição de “bicho” como os demais animais. É na dimensão espiritual que se revela o inconsciente espiritual.

Entende-se então que o papel de Sônia na trama, na ótica da logoterapia, é aguçar a consciência de Raskólnikov. Embora ele seja constituído de “ideia”, na proposta talhada pelo autor russo, tal conceituação tem dois significados que versam sobre a liberdade: o axioma das escrituras na qual a verdade liberta e a liberdade como desejo de ser semelhante a Deus. Isto por ter comido o fruto proibido, representa-se a vontade de prazer através da rebelião (PAREYSON, 2012).

A postura que Dostoiévski adota na construção da cena a caminho da delegacia é de revelação, na qual Raskólnikov confessa os assassinatos. A pungência da confissão perante o mundo, perante Deus, mas, principalmente, diante de si; uma ação indicada por Sônia, um arrependimento público:

“Vai a um cruzamento, faz uma reverência ao povo, beija a terra, porque pecastes também perante ela, e diz ao mundo inteiro em voz alta: ‘Eu sou um assassino’”. Tremeu todo ao se lembrar disso e já estava tão oprimido pela desesperadora melancolia e pela inquietação de todo esse tempo, mas especialmente das últimas horas, que acabou se precipitando para a possibilidade dessa sensação inteira, nova e completa. Ela lhe chegou de súbito como uma espécie de acesso: começou a lhe arder na alma como uma fagulha e de repente se apossou de tudo como o fogo. Tudo nele amoleceu e as lágrimas jorraram. Do jeito que estava caiu no chão (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 535).

---

<sup>11</sup> Jaspers, Karl (1883-1969) O alemão Karl Jaspers (nascido em Oldenburg) é um filósofo cuja obra se inspira em Kierkegaard. Ele chega à filosofia através da psiquiatria. Em sua primeira obra, *Psicopatologia geral* (1913), já estudava as perturbações da relação do homem com o mundo, as perturbações da \*existência. A existência não seria o indivíduo biológico, tampouco o pensamento generalizante ou a vida sem problemas, mas o homem que joga seu destino no curso de sua história e que pode, por decisão, perder-se ou ganhar-se a cada instante de sua vida. Em sua *Autobiografia filosófica* (1963), caracterizou assim sua pesquisa: "O homem só toma consciência de seu ser nas situações-limite. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 110)

Tal orientação revela uma experiência de Raskólnikov de consternação na narrativa da obra; bem como desponta também o sentido do amor; porque o íntimo de outrem pode ser captado, conforme a teoria de Viktor Frankl (2016). A pessoa que ama capacita o outro a alcançar potencialidades. “Tudo nele amoleceu e as lágrimas jorraram”; o amor é fenomenológico e uma das formas de encontrar sentido.

Isso delinea uma mutação na qual o homem que matou heroicamente um ser abominável destoa completamente do ex-estudante de direito confesso; na qual a sentença é atenuada, justamente, por acudir a família de um amigo e uma criança num prédio em chamas. Matou na condição de homem extraordinário, de super-homem; para fazer o bem, contudo, não usufruiu do dinheiro, nem de nada encontrado, não mudou sua vida nem a de ninguém, como articulara numa conversa com o divino. Tal condição denota a guerra interna entre o bem e o mal, tendo na escolha a chave para sucumbir a um ou a outro. A liberdade na opção do protagonista, também, o faz ser digno do tormento, como crê Dostoiévski.

O astro de Crime e Castigo enfrentou seu destino com a certeza de que não estava sozinho, como se observa no trecho que segue: [...] “virou a cabeça para esquerda e avistou Sônia a uns cinquenta passos. Ela se escondia dele atrás de uma barraca de madeira que ficava na praça, logo, vinha-lhe acompanhado toda marcha do calvário! Raskólnikov percebeu e compreendeu nesse instante, de uma vez por todas, que agora Sônia estava ao seu lado para sempre, embora desde a confissão dele, ela já afirmara isso: “Agora! Oh, o que fazer agora!... Juntos, Juntos! --- repetia ela como quem devaneia e tornava a abraçá-lo ---- Irei para os campos de trabalho forçado junto contigo!”(DOSTOIÉVSKI, 2016, p.418) [...] “E o acompanharia ainda que fosse ao fim do mundo, aonde quer que o destino o mandasse”. (DOSTOIÉVSKI, 2016, p.531)

Pode-se fazer uma analogia entre esse sentimento descrito nas palavras do jovem Raskólnikov ao dos judeus quanto à certeza que algo ou alguém os esperava para além dos tormentos do campo de concentração; a frase de Nietzsche expressa: “Quem tem por que viver suporta quase qualquer coisa”, (FRANKL, 2016, p. 129) A morte de fato insurgia como uma provável consequência ao ato arrogante e

presunçoso de se igualar a Deus ao tirar duas vidas. Contudo, a confiança de não está só em hipótese alguma o faz seguir na sua escolha de entrega-se, de ir à delegacia.

Cabe ressaltar que o suicídio jamais fora saída para Raskólnikov, bem como a Sônia, a resiliência desenvolvida na narrativa por essas personagens continuam a dar conta de seus enfrentamentos, inclusive, perante a morte. Dostoiévski cria um mundo de contrastes de modo a expor uma sociedade opressora em que a perplexidade se dá na tese embrionária do crime, até contra a própria vida; como Svidrigáilov:

Ilyá Pietróvitch [...] ... hoje de manhã mesmo recebemos uma informação sobre um senhor que chegou recentemente aqui. Nil Pávlitch! Como se chamava o gentleman do comunicado que recebemos há pouco, que meteu um tiro na cabeça no Lado Petersburgo?

- Svidrigáilov - respondeu alguém de outra sala com voz roufenha e indiferente.

Raskólnikov estremeceu.

[...]

Estive com ele ontem... tomou vinho ... eu não sabia de nada. Raskólnikov sentiu que alguma coisa ter lhe caído em cima e o esmagava. (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 535).

Sendo a morte o eixo central da obra que aponta para um crime contra a vida, é notável a frustração existencial em que se tem ausência de sentido sobre a própria existência. Segundo a logoterapia frankliana, no estado de frustração o ser humano desconhece algo que possa preenchê-lo, acerca de tal entendimento versa o suicídio<sup>12</sup> de Svidrigáilov; homem rico e tomado pelo impulso sexual perseguia a irmã de Raskólnikov na ânsia tê-la.

A logoterapia elucida se há frustração sexual bem como há frustração da vontade de sentido; porque no vazio existencial manifesta-se na exacerbação à libido sexual (Frankl, 2015). Dito de outra forma, Dostoiévski sob o olhar da logoterapia, talha um percurso no qual denuncia o vazio existencial ao expor o desejo de personagens; referente a dinheiro, a poder e ao sexo.

---

<sup>12</sup> Num plano puramente teórico, seria perfeitamente concebível que um suicídio se justificasse, uma vez ou outra, como sacrifício conscientemente oferecido. Contudo, bem sabemos pela experiência que os motivos de um suicídio desse tipo também brotam muitas vezes dum ressentimento ou que, mesmo em tais casos, se acaba por divisar ainda outra qualquer saída para a situação aparentemente sem perspectiva. Assim, praticamente pode dizer-se que o suicídio nunca tem justificação. (FRANKL, 2016, p. 121)

Há uma oscilação entre a necessidade e o tédio na humanidade conforme pensamento do filósofo Schopenhauer e destacado pelo psiquiatra Viktor Frankl, sendo ele categórico: “[...] os suicídios podem ser atribuídos, em última instância, àquele vazio interior que corresponde à frustração existencial” (FRANKL, 2015, p. 69).

O cerne da estória dostoiévskiana faz-se na alma humana, na guerra entre o bem e o mal no coração do homem, como foi dito em linhas anteriores. Tal batalha trata da existência humana na integralidade; corpo, alma e espírito. Isto é, biopsiquicoespíritual conforme baliza a abordagem psicológica da logoterapia e análise existencial. Por conseguinte, a existência humana aponta para fora de si mesma, como afirma o pai da logoterapia Viktor Frankl (2015).

Embora o autor de Crime Castigo desconhecesse tal abordagem, sobretudo por ela não pertencer à contemporaneidade dele, o insumo é o homem, o ser dotado de três dimensões. Então, é fenomenológico que Raskólnikov aponta para algo além de si, nesse caso, o sentido faz-se na tensão entre ser e o dever-ser numa noodinâmica. Tal conflito se resolve no valor de atitude; ir á delegacia e confessar o crime. Isso só é possível após a certeza de não se estar sozinho, a correlação é direta com o sentido do amor (FRANKL, 2016).

O detalhamento da cena nos dá indícios para afirma que após saber da morte de Svidrigáilov, Raskólnikov atordoado deixa a delegacia, mas, ao chegar à ao pátio vê Sônia, há uma comunicação entre eles não verbal; num ímpeto retorna:

Ah –ah -ah! O senhor outra vez! Esqueceu alguma coisa? Mas o que o senhor tem?

Com os lábios pálidos e uma olhar estático Raskólnikov aproximou-se dele devagarinho, chegou-se bem à mesa, apoiou-se nela com uma das mãos, quis dizer alguma coisa, mas não pôde; ouviram-se alguns sons desconexos.

- o senhor está se sentido mal, uma cadeira. Sente-se na cadeira. Sente-se! Água!

Raskólnikov arriou na cadeira, mas sem tirar os olhos do rosto de Ilyá Pietróvitch, que sorria de um modo muito desagradável. Ambos passaram em torno de um número se olhando e aguardando. Trouxeram água.

- Fui eu... – começou Raskólnikov. (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 540).

Na logoterapia a noodinâmica frankliana traz a liberdade de se dizer sim ou não imbuída de uma tensão por conta dos valores, como dito antes. Ao analisar o trecho transcrito acima, entende-se que apesar de não ter evidências do crime socialmente; apesar de outra pessoa já ter sido responsabilizada pelos assassinatos. Essas situações poderiam dar-lhe conforto se conseguisse ficar quieto internamente; se pudesse não assumir seus delitos, mas já tinha sido atravessado pelo vínculo com Sônia. A liberdade intrínseca a dimensão espiritual o impediu de ser inerte, de se manter calado, porque estavam os dois em angústia<sup>13</sup>; essa é a gota limite para o valor de atitude.

Ao valor de atitude um adendo por conta da importância na jornada de encontrar o sentido da vida. A logoterapia frisa o valor de atitude como sendo aquele que na existência do homem confere sentido a vida. Assim, a compulsão na realização de valores jamais o deixa em paz, até o último minuto da existência, portanto, é sempre possível realizar valores, embora as possibilidades possam ser limitadas, por conseguinte, ser-homem é ser-consciente; é ser-responsável (FRANKL, 2016).

### 3.4 Religiosidade inconsciente

---

<sup>13</sup> No seu significado filosófico, isto é, como atitude do homem em face de sua situação no mundo, esse termo foi introduzido por Kierkegaard em *Conceito de angústia* (1844). A raiz da A. é a existência como possibilidade. Ao contrário do temor e de outros estados análogos, que sempre se referem a algo determinado, a angústia não se refere a nada preciso: é o sentimento puro da possibilidade. O homem no mundo vive de possibilidade, já que a possibilidade é a dimensão do futuro e o homem vive continuamente debruçado sobre o futuro. Mas as possibilidades que se apresentam ao homem não têm nenhuma garantia de realização. Só por piedosa ilusão elas se lhe apresentam como possibilidades agradáveis, felizes ou vitoriosas: na realidade, como possibilidades humanas, não oferecem garantia alguma e ocultam sempre a alternativa imanente do insucesso, do fracasso e da morte. "No possível tudo é possível", diz Kierkegaard, o que quer dizer que uma possibilidade favorável não tem maior segurança do que a possibilidade mais desastrosa e horrível. Logo, o homem que se dá conta disso, reconhece a inutilidade da habilidade e diante de si só tem dois caminhos: o suicídio ou a fé, isto é, o recurso a "Aquele a quem tudo é possível". A angústia é, segundo Kierkegaard, parte essencial da espiritualidade própria do homem, de sorte que, se o homem fosse anjo ou animal, não conheceria a angústia: e, como efeito, logra mascarar-la ou escondê-la o homem cuja espiritualidade é demasiado débil. isto é, ao sentimento da ameaça imanente em toda possibilidade humana como tal. — Na filosofia contemporânea, Heidegger centrou na Angústia a sua análise existencial. A angústia é a situação afetiva fundamental, "que pode manter aberta a contínua e radical ameaça que vem do ser mais próprio e isolado do homem": isto é, a ameaça da morte. Na Angústia o homem "sente-se em presença do nada, da impossibilidade possível da sua existência". Nesse sentido, a angústia constitui essencialmente o que Heidegger chama de "o ser para a morte", isto é, a aceitação da morte como "a possibilidade absolutamente própria, incondicional e insuperável do homem" (*Sein und Zeit*, § 53). Mas nem por isso a Angústia é o medo da morte ou dos perigos que podem provocá-la. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 71).

A religiosidade a luz da logoterapia jamais integra um inconsciente coletivo por pertencer ao campo das decisões. O homem é um ser responsável, responde às indagações da vida à que pode posicionar-se perante aos condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais como bem apresenta a teoria frankliana. O homem não é livre “de”, mas é livre “para”, ou seja, ao escolher como age frente a uma situação da qual não pode mudar. É necessário compreender tal fato para que se prossiga a tratar sobre o caráter religioso. “A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas, antes, de decisão. A religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial, ou não é nada”. (FRANKL, 2020, p.61).

[...] acordou banhado de suor, com os cabelos molhados de suor, arfando. Levanta-se aterrorizado. (...)

“ Meu Deus! --- exclamou ele --- será – será – será que vou pegar mesmo o machado, que vou bater na cabeça, vou esmigalhar o crânio dela, vou deslizar no sangue viçoso, quente, arreentar o cadeado, roubar e tremer, esconder-me, todo banhado em sangue com ... o machado ... Meu Deus será possível?”

Tremia feito vara verde ao dizer isso.

[...]

“Deus! --- rezou me mostra o meu caminho. E eu renego esse meu maldito sonho!” (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 67).

O fragmento transcrito explicita um diálogo com Deus no qual o protagonista começa a tonar o ato de matar a velha um fato, como sendo um preâmbulo dele com a divindade, ao mostra-se frágil e incapaz de tal coisa. Contudo, após assassinar às duas mulheres, ele interrompe toda e qualquer conversa com Deus, tal ação se dá por conta da decisão de bloquear o inconsciente espiritual.

Assim, a religiosidade torna-se reprimida. Nesse sentido, a religiosidade passa a ser experimentada via as crenças de Sônia, tais dogmas, refere-se à tradição religiosa, pensada e vivida sem aprofundamento, relações amparadas por costumes culturais e tradições familiares.

Visto que o ser humano é constituído para superar qualquer crise na sua composição integral, a superação faz-se a partir das relações humanas, quando as barreiras de julgamento são atravessadas instaura-se uma melhor qualidade no curso da vida por conta do fortalecimento dos vínculos entre si, na família e conseqüentemente na sociedade. (FREITAS, 2018).

Dostoiévski aposta na transmutação das relações humanas para além das categorias sociais porque o homem é visto como um microcosmo, no qual se tem o enigma do universo (PARAYSON, 2012). Nele o homem é um conjunto de ideias que pode ser constituinte de uma personagem em que a prostituição não a define, ou, em que o orgulho não ultrapassa a capacidade de amar e, ainda, a generosidade pode ser o último ato de honra de um egoísta. Ninguém está fadado a encerra-se sem possibilidades, mas todo o ser humano tem uma abertura seja para outro ser ou para o mundo, o ser-aí<sup>14</sup>.

[...] O que significa o “ser-aí”? O (Dasein) de uma pessoa espiritual significa, em primeiro lugar, que ela se exprime corporalmente e, assim, ocasiona-me uma impressão sensorial. Por meio da impressão sensorial, do conteúdo da consciência, é-me dado mais do que ela: visto, por meio do conteúdo, um objeto. Trata-se, no caso concreto, desse objeto, da pessoa espiritual, e, assim, dela me é dado mais que o simples corporal, o simples sensorial, mesmo já durante a vida da pessoa. (FRANKL, 2019, p. 192).

Em Dostoiévski a literatura tem uma escrita sem enfeites, não sendo inócua ao tempo e as realidades de sua sociedade. Antes encara sua missão de referenciar o homem na integralidade, na manifestação de uma autenticidade, no leque de escolhas que o possibilitam saí de si.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Logoterapia está presente na literatura como nas demais artes. Por isso este trabalho se propõe a aproximar o leitor e a antropologia frankliana através da literatura. A estória de vida Raskólnikov e suas escolhas bem como as de Sônia e sua a religiosidade são os insumos para observação da condição humana. As limitações do homem o atravessam; a finitude, as contingências sociais, os infortúnios, a dor e o sofrimento. Contudo, numa relação de encontro em que duas pessoas escolhem uma trilha adjacente para o enfrentamento de tudo que está posto, bem como do inesperado. É no sentido do amor que tudo se torna possível para seres tão distintos.

<sup>14</sup> O termo Ser-aí [*Dasein*], *m* pelo qual indicamos tal ente, exprime o ser, e não a quiddidade, como ocorre quando se diz pão, casa, árvore" (*Sein und Zeit*, § 9). Heidegger afirmava com igual clareza a resolubilidade da E., assim entendida em suas possibilidades. "O Ser-aí", diz ele, "é sempre a sua possibilidade, e ele não a tem' do mesmo modo como um ente presente [isto é, uma coisa] possui uma propriedade. Por ser essencialmente possibilidade, o Ser-aí pode, em sendo, 'escolher-se' e conquistar-se, ou então perder-se, ou seja, não se conquistar, ou só se conquistar aparentemente. Ele só pode perder-se ou não se ter ainda conquistado porque, em seu modo de ser, comporta uma possibilidade de autenticidade, ou seja, de apropriar-se de si mesmo" (ABBAGNANO, 2007, p. 411)

Crime e Castigo sob a tessitura hermenêutica da logoterapia e análise existencial permitiu entrelaçar dois autores de séculos distintos. Entretanto, próximos quanto ao objeto teórico: o ser humano; seu destino e a finitude, ademais, a cisão e a reconciliação da religiosidade que emerge de um inconsciente espiritual e religa uma relação com um Deus inconsciente.

Desse modo, a psicoterapia para todos frankliana com a pneumatologia dostoiévskiana expõem o destino trágico, a possibilidade de bem ou de mal, a saber, o seu potencial de destruição e de morte e a sua esperança na tensão do ser para o dever-ser numa composição dialética. Um ser contando com outro ser na sua essência e autenticidade ao responder às questões que a vida apresenta.

Pode-se afirmar que as personagens de Crime e Castigo têm liberdade da vontade, inconsciente espiritual, sentido do amor, sem que nada disso estivesse na pena do seu autor, mais na condição humana descrita desde a frustração existencial ao sentido do amor frankliano.

Nesta análise pôde se observar, também, que tanto Dostoiévski quanto Frankl são de uma grandeza imensurável na ótica do ser humano. O homem sempre se apresenta livre para escolher e sobrepor-se ao destino esboçado, mesmo numa narrativa ficcional. Cada autor, nos seus escritos, talhou o homem de possibilidades, de escolhas e de ferramentas que o potencializam na sua condição mais sublime; o ser pessoa.

Isto porque a mão que segura esferográfica e traça os caminhos das personagens e seus fadários são de pessoas humanas que no seu valor criativo, ou seja, naquilo que entregam ao mundo o faz usufruindo de sua integralidade. Entende-se que a relação entre as personagens já referidas revela a defesa do valor de atitude como parte essencial após a tragédia homicida motivada pela vontade de poder, gerada pela inquietação da possibilidade de ser “igual” a Deus, numa liberdade rebelde, nos termos de Dostoiévski. Então, a morte constituía a colheita dessa ação rebelde, mas pôde seguir a vida numa mudança de direção. Sendo o homem integral na existência, ele o é também na ficção, no enredo literário. Desse modo, a literatura tem um papel importante para desvelar formas de ser e de estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho, Benedetti. 1.ed. Digitalizado. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Historia concisa da literatura brasileira**. 51 ed. São Paulo: Cultrix, 2017
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 10. ed. Digitalizado. São Paulo: Centauro, 2001.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. 8.ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Digitalizado. Brasília: Liber livro Editora. 2015.
- FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Tradução de Ivo Studart Pereira.1.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. Trdução de Alípio Maia de Castro. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia**. Tradução de Antônio Estêvão Allgayer 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- \_\_\_\_\_.**Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 48. ed.- São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.
- \_\_\_\_\_. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos psicoterapia**. Tradução Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. 1. ed.São Paulo: É Realizações, 2019.
- \_\_\_\_\_. **A presença Ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FREITAS, Marina Lemos Silveira. **Afrontamento e Superação de Crises: Contribuição da Logoterapia**. 1.ed. Ribeirão Preto: IECVF, 2018.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3.ed. Digitalizado por TupyKurumin. Rio de Janeiro, 2001.

PAREYSON, Luigi. **Dostoiévski: Filosofia, Romance e Experiência Religiosa**. Tradução Maria Helena Nery Garcez e Silvia Mendes Carneiro. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.